
Bissexualidade na telenovela brasileira: Raulzito, de Todas as Flores¹

Talitta Oliveira CANCIO²
Maria Immacolata Vassallo de LOPES³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo analisa a representação da bissexualidade na telenovela brasileira a partir do personagem Raulzito, da telenovela *Todas as Flores*, de João Emanuel Carneiro. A partir dos princípios da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), categorizamos as cenas que retratam as relações afetivas e/ou sexuais do personagem para analisar como a bissexualidade foi apresentada e tratada na trama. Para tal, em um primeiro momento, é apresentado levantamento bibliográfico sobre estudos de gênero e sexualidade, com foco na teoria queer e um diálogo com as abordagens decoloniais das sexualidades no sul global, a crítica queer racializada. O aporte teórico sobre representação e identidade está fundamentado nos Estudos Culturais, especialmente em Hall (1997, 2016), no que diz respeito às vinculações entre cultura e mídia. Com as suas narrativas, as telenovelas não só tem caráter pedagógico como contribui para a formação da identidade nacional, seja através das suas narrativas, seja por meio das ações socioeducativas.

PALAVRAS-CHAVE: bissexualidade; telenovela; representação; ; LGBT; Globo.

Introdução

A representação da bissexualidade nas telenovelas é o objeto de investigação do presente trabalho, com desenvolvimento focado em um personagem da telenovela *Todas as Flores* (2022), de João Emanuel Carneiro: Raulzito, um dos personagens bissexuais mais recentes na teledramaturgia brasileira. Se comparado com as representações bissexuais anteriores, é possível apontar alguns avanços na construção da sexualidade desse personagem se compararmos com várias das representações anteriores, como mostraremos adiante.

A bissexualidade ainda é um tema pouco explorado no campo da comunicação, em contraste com outras identidades que têm recebido maior atenção e número de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa - Ficção Televisiva Seriada do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM/USP). Pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN-ECA/USP) e integrante da Rede de pesquisadores OBITEL, e-mail: talitta.cancio@gmail.com

³ Professora Titular da ECA-USP, Coordenadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN ECA-USP), e-mail: immaco@usp.br

estudos no Brasil. A representação bissexual no audiovisual nos leva ao debate sobre identidades inteligíveis (BUTLER, 2016) e a representabilidade da bissexualidade (ENGELBERG, 2018). Butler argumenta que a matriz cultural que torna a identidade inteligível exige que alguns tipos de identidade não possam existir: as identidades em que o gênero não decorre do sexo e/ou em que as práticas do desejo não decorrem nem do sexo nem do gênero. Dessa forma, a bissexualidade aparece como uma impossibilidade lógica. “Nessa matriz de inteligibilidade, o gênero denota uma unidade de experiência de sexo, gênero e desejo, em que o desejo é heterossexual, diferenciado a partir de uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja” (MONACO, 2020, p. 84). Essa inteligibilidade da bissexualidade é transportada para a representação cultural dessa identidade.

Quanto à metodologia para analisar a construção da sexualidade do personagem bissexual aqui selecionado, recortamos as cenas de Raulzito disponibilizadas na plataforma Globoplay, a partir da técnica da análise de conteúdo de Bardin (2011). Esta metodologia pode ser aplicada a diferentes discursos e formas de comunicação. A sua utilização prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação.

Ao fazer a primeira espectralidade desses vídeos pré-selecionados, separamos as cenas que diziam respeito às relações afetivas e/ou sexuais do personagem. Assim, compreendemos em nosso *corpus* um conjunto de vídeos que foram revistos com olhar crítico e cotejados com os aportes teóricos dissertados nos tópicos seguintes.

Perspectivas decoloniais de gênero e sexualidade

É fundamental perceber a mídia como instituição disciplinar e um lugar de formação, juntamente com a escola, a família e a religião, sendo um *dispositivo pedagógico* (FISCHER, 2002). Na sociedade e, conseqüentemente, na mídia, ocorreu um deslocamento do interesse social e dos blocos de poder centralizados nas instituições disciplinares (FOUCAULT, 1979) e conservadoras, para espaços e representações mais diversas e plurais. A flexibilização de modos de produção e representação, responsáveis por gerar o consumo midiático, produziu novas formas de

perceber valores e interpretar a cultura. Nesse sentido, vale discutir como esses dispositivos pedagógicos de mídia têm atuado para produzir tecnologias de gênero. A televisão faz parte do processo de como concedemos sentido às coisas, ajudando a “urdir o tecido da vida cotidiana [...] modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, bem como fornecendo material com que as pessoas forjam sua identidade” (KELLNER, 2001, p. 9).

Muitos autores e autoras decoloniais e dos estudos subalternos fazem críticas às transposições mecânicas da teoria queer para os contextos do Sul e do Oriente. O *queer* surge das práticas de dissidentes sexuais marginalizados dos EUA (MOGROVEJO, 2020). Antes mesmo de De Laurentis (1994) e Butler (2016) traçarem as bases da primeira onda queer, a chicana Gloria Anzaldúa “utilizou pela primeira vez num texto teórico, o termo queer, como estratégia para desestabilizar as fronteiras sexuais, de gênero, mas também raciais, culturais, linguísticas e de classe” (REA e AMANCIO, 2018, p. 14) Porém, dificilmente essa outra origem é citada ou reconhecida.

Para Mogrovejo (2020), a falta de tradução da palavra *queer* na América Latina acarretou interpretações contraditórias. O termo que foi utilizado originalmente para ressignificar algo pejorativo, perde esse sentido quando sequer se sabe qual é o seu significado. Além disso, tentar reproduzir “automaticamente as experiências de organização e as reflexões teóricas em nossos contextos, com uma realidade histórica, política, econômica e social diferente, expressa a colonialidade discursiva (...)” (MOGROVEJO, 2020, p. 44), apontada por diversas autoras decoloniais.

Rea (2020) defende que a teoria *queer* lida no Brasil, na maioria dos casos, é uma teoria *queer* branca. É chamada dessa forma pois é uma versão do queer centrado apenas na dissidência sexual e de gênero, desconsiderando as outras intersecções. Essas teorias brancas citam algumas vezes o racismo e a colonialidade, por exemplo, mas não os tratam com a mesma atenção dada ao gênero e à sexualidade. Indo contra isso, a crítica *queer* racializada apresenta uma

visão crítica não somente em relação às normas sexuais e de gênero, mas também em relação às normas raciais e racializadas, aos imperativos de mercado do neocapitalismo, à islamofobia imperante em muitos países ocidentais, aos projetos neocoloniais e neoimperialistas do Norte, muitas vezes, disfarçados de agendas em defesa dos direitos humanos e sexuais a serem realizadas nos países do Sul global (REA, 2020, p. 70).

Neste trabalho adotamos esta versão da teoria *queer*, pois não há como abordar questões de sexualidade em telenovelas brasileiras desconsiderando o contexto histórico, econômico, político e social do país. Uma versão que “rejeita a narrativa euroamericanocêntrica do progresso e da modernidade em matéria de questões sexuais e de gênero. (...) Conforme destaca Roderick Ferguson, a teoria *queer* de cor nasce das contribuições do feminismo negro e do pósestruturalismo da teoria *queer*” (apud REA, 2020, p. 70).

Em estudos mais recentes, Moschkovich (2020; 2022) desenvolve o conceito de epistemologia bissexual a partir das proposições de Hegel e Marx em torno da dialética como método. O potencial revolucionário da bissexualidade é explorado baseando-se na ideia de negação/negatividade das identidades não-idênticas. Então, a autora propõe como saída teórica e política “um olhar bissexual como forma não de resolver, mas de superar esses impasses trazidos a princípio pelo conceito de gênero em sua acepção original” (MOSCHKOVICH, 2020, p. 119). Esse conceito de gênero, operado pelo dispositivo da Matriz Heterossexual, produz o princípio orientador da binariedade mononormativa.

Diante disso, algumas categorias e identidades podem ser apontadas como negação do sistema de Gênero: pessoas bissexuais, travestis e pessoas não-binárias (MOSCHKOVICH, 2022). Todas têm em comum a simultaneidade que desestabilizam as normas de compreensão do gênero e da sexualidade, elas recusam o que a mononormatividade obriga. As experiências bissexuais recusam a escolha de apenas um dos pólos da sexualidade, a não-binariedade de gênero e com a travestilidade recusam escolher um dos pólos de gênero. “São experiências que negam esse sistema como um todo por se basearem na simultaneidade que recusa os termos do jogo que as produziu” (MOSCHKOVICH, 2022, p. 31). Logo, essas identidades são impossibilidades dentro da mononormatividade. No caso específico da bissexualidade, esse local de contradição é fundamental para pensar a representação bissexual no audiovisual e sua inteligibilidade.

Estudos Culturais e Televisivos

Para analisar os personagens bissexuais e suas implicações, significados sociais e políticos, é importante antes compreender conceitos basilares como representação, identidade e estereótipos. Em *Cultura e Representação* (2016), Hall centraliza o conceito de representação para discutir o papel da mídia em sua relação com a cultura. Para ele, a representação é uma construção dada em um sistema cultural, com uma produção de sentidos através da linguagem, formadora de signos. O processo de significação na cultura ocorre por dois sistemas de representação relacionados: a) o que dá sentido ao mundo para o indivíduo por um conjunto de correspondências ou equivalências mentais; b) o que cria uma conexão desses mapas conceituais dos indivíduos com os conjuntos de signos produzidos culturalmente (HALL, 2016).

Outra questão relevante dentro das análises de representação e formação da identidade é a estereotipagem, uma das formas de representação da diferença (HALL, 2016). Segundo Hall (2016), a estereotipagem é a redução de um grupo a poucas características que são reconhecidas como suas e apresentadas como essenciais ou fixas por natureza, de forma simplificada e exagerada. O estereótipo produz efeitos como fantasia, fetichismo e retratação, e pode ser questionado por estratégias de transcodificação de significados. Esse processo divide os comportamentos aceitáveis e os que devem ser excluídos. A criação de estereótipos auxilia na manutenção da hegemonia, regulando toda a sociedade de acordo com seus próprios valores e visões de mundo.

A representação como construção de sentidos em partilha dialoga com o conceito de mediação de Jesús Martín-Barbero (2001), que a vê como instâncias de sociabilidade que atuam na apropriação, ressignificação e transformação dos textos e significados neles contidos. A teoria da recepção é uma perspectiva de investigação integradora e compreensiva, visto que todo processo de comunicação parte de mediações (LOPES, 2014). A mediação possibilita compreender e identificar a interação entre os espaços da produção e do consumo da comunicação.

É preciso considerar, a partir de Louro (2008), o caráter pedagógico da mídia. Isso porque a mídia é capaz de legitimar, reiterar, naturalizar, reforçar comportamentos e práticas sociais, bem como atuar no processo pedagógico, de ensino e aprendizagem

da sociedade, no que diz respeito aos mais variados assuntos. A televisão, como parte integrante da mídia, tem igualmente um caráter pedagógico. “Objeto de conversação por excelência” (CHACEL, 2016, p.27), presente nos lares e na vida cotidiana das pessoas e reconfigurada diante do cenário de convergência e de cultura participativa, a televisão, assim como a mídia, deve ser percebida como uma instituição disciplinadora, ao lado da família, religião e escola (LIMA et al., 2021).

A mídia legítima, naturaliza e reforça comportamentos sociais incidindo no processo de ensino e aprendizagem. Fischer (2002) argumenta ser indispensável perceber a mídia como uma instituição disciplinar e um lugar de formação juntamente à escola, à família e à religião. A partir daí, nasceu o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”, fundamentado no conceito de “dispositivo da sexualidade” de Foucault. Para a autora:

[...] significa tratar de um processo concreto de comunicação (de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos), em que a análise contempla não só questões de linguagem, de estratégias de construção de produtos culturais (no caso aqui referido, de programas televisivos), apoiada em teorias mais diretamente dirigidas à compreensão dos processos de comunicação e informação, mas sobretudo questões que se relacionam ao poder e a formas de subjetivação (FISCHER, 2002, p.155).

E quando se trata de poder midiático no Brasil, a Globo e suas telenovelas estão em um local privilegiado. Uma novela de grande sucesso pode, conforme Lopes (2003, p.23), alcançar “45 pontos de audiência, representando uma média de 32 milhões de telespectadores e um share (porção de público total) de 58%”. São índices muito significativos que atestam a popularidade da telenovela no Brasil, especialmente as da Globo. Por essa razão, para Lopes (2003), a emissora se tornou hegemônica na teledramaturgia do país.

A telenovela passou a se constituir em uma narrativa brasileira por excelência, capaz de documentar a realidade e possui uma penetração intensa na sociedade, como argumenta Lopes (2003), em função de sua “capacidade peculiar de alimentar um repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras” (p. 18), e dessa forma promove interpretações de sentido que estão na base das representações de uma comunidade nacional imaginada, e como diz Stuart Hall (1999), as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação.

Personagens bissexuais nas telenovelas da Globo

A representação de personagens bissexuais nas novelas da Globo já acontece desde 1979, como mostra levantamento feito por Cancio (2022). Essas representações foram identificadas através da ocorrência de práticas bissexuais, ou seja, relações afetivas e/ou sexuais com pessoas de mais de um gênero, de forma consensual e por desejo próprias das personagens. De 1979 a 2021, foram identificados 46 personagens bissexuais, em 39 novelas, sendo 30 personagens masculinos, 16 femininos e apenas três personagens não brancos.

Se a representação é parte essencial do processo de produção dos significados e da forma como eles são compartilhados entre os membros de uma cultura, precisamos olhar mais atentamente aos significados produzidos pela representação bissexual na televisão. “A bissexualidade, como fenômeno e grupo social, também passa por esse circuito, sendo invocada pela linguagem, conceituada, significada e endereçada aos imaginários e mapas simbólicos e conceituais compartilhados culturalmente entre indivíduos” (ROSSI, 2020, p. 30).

Segundo Cancio (2022), nas representações levantadas no mapeamento nem todos personagens foram representadas como apaixonadas por mais de um gênero, ou tendo relações sexuais, e nem por isso seriam menos bissexuais. Porém, a representação da bissexualidade é operada pela lógica monossexual, em que o desejo por diferentes gêneros não seria aparente em uma relação ou em um ato isolado com apenas uma pessoa (ENGELBERG, 2018). Essa questão nos leva ao debate sobre identidades inteligíveis (BUTLER, 2016) e a representabilidade da bissexualidade (ENGELBERG, 2018). E nas telenovelas brasileiras, a bissexualidade não é dita. Em 42 anos, nas novelas com personagens bissexuais, a palavra “bissexual” ou “bi” só foi dita três vezes: em *Amor à Vida* (2013), *Em Família* (2014) e *Império* (2014). E em nenhuma dessas vezes a personagem a dizer a palavra foi a personagem bissexual. Além disso, as construções das sexualidades desses personagens bissexuais foram confusas e não deixaram a bissexualidade explícita. Portanto, a hipótese é que o entendimento passado através dos textos, combinado com a leitura monossexista, é de que ou elas eram ex-heterossexuais ou ex-homossexuais até então (CANCIO, 2022).

A representação de Raulzito

Raulzito, personagem interpretado por Nilson Bicudo, é um dos donos e diretor de criação da empresa de vestuário e perfumaria Rhodes. No início da trama, é marido de Patsy e desde antes da novela estreiar, portais de notícias já anunciavam que o personagem seria bissexual e que a relação dos dois seria aberta. Nas cenas do personagem que de fato foram ao ar, não fica explícito que o casamento deles era nesse formato. O personagem esteve em apenas 14 dos 85 capítulos da obra.

A partir da espectadorialidade da telenovela, identificamos 34 cenas em que Raulzito está presente, dentre os 14 capítulos. Destas cenas, 15 retratam suas relações afetivas e/ou sexuais. Além delas, identificamos mais duas cenas em que outros personagens falam sobre sua sexualidade, mesmo sem ele estar no local. A sua cena de apresentação, embora não fale diretamente sobre seus relacionamentos, já deixa claro que o seu jeito de ser não é bem aceito por todos: seu irmão, Luis Felipe, chama Raulzito de “dissipado” e “pária”, durante reunião da diretoria da Rhodes, e o culpa por transformação na empresa. Ao que o personagem de Nilson Bicudo diz ter orgulho de ser.

Outro aspecto que é importante ressaltar no personagem, é a interpretação como um homem afeminado, com falas e trejeitos que são comumente associados a homens gays. Essa questão da performance de gênero e como a sociedade a associa a determinados papéis é fundamental, pois segundo Butler (2020), o indivíduo não tem autonomia para escolher sua “performatividade de gênero”, pelo contrário, as escolhas estão limitadas desde o início pelos modelos apresentados dentro de uma sociedade binária e heteronormativa.

Analisando as 17 cenas relacionadas à afetividade/sexualidade do personagem, foi possível realizar as seguintes categorizações para auxiliar o entendimento da representação bissexual:

Quadro 1 - Categorias de análise

Categorias	Quantidade de cenas	Retrato
Relação com homens	3	As cenas em que Raulzito fala sobre já ter se relacionado com homens são sobre Carlão. O personagem descobre que seu ex faleceu, diz que era seu namorado, e comparece ao velório. Nesta ocasião conhece Maurîtânia, também ex de Carlão, e depois é com ela que vai falar mais duas vezes sobre o amor que sentia pelo falecido namorado, que foi um dos amores de sua vida.
Relação com mulheres	11	As cenas sobre relações com mulheres são com Patsy, sua então esposa, e com Maurîtânia. Esta última representando quase a totalidade de cenas em que Raulzito demonstra amor e paixão por mulheres. Com Maurîtânia temos cenas de beijos, sexo e muitas declarações apaixonadas, inclusive pedido de casamento.
Violência verbal	4	As cenas de violência verbal são as que o personagem é xingado por outros por conta de sua sexualidade. Ele é chamado de “bicha esquelética” e “maricona” por Patsy; de “baitola” por Joca. e de “pervertido” por Luis Felipe.
Estereótipos	2	As cenas em que algum estereótipo é retratado foram a que Maurîtânia presume que ele é gay por sua performance afeminada e quando Olavo invalida a bissexualidade de Raulzito, também pela performatividade do personagem, dizendo que: “esse papo de bissexual pra mim não cola não”.
Referências à bissexualidade	3	As referências diretas à bissexualidade acontecem quando Maurîtânia pergunta se Raulzito é bi; quando a irmã do personagem quer saber se ele está apaixonado por um moço ou uma moça e que adora a sua “versatilidade”; e por fim, quando

		Olavo diz a palavra “bissexualidade”, mesmo que seja de maneira a invalidar a sexualidade de Raulzito, neste momento pressupõe-se que o personagem anteriormente já havia afirmado sua identidade.
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Considerações finais

A partir da análise das cenas que constroem a bissexualidade do personagem, foi possível perceber que Raulzito não tem questões com descobrimento da sexualidade, já tendo superado esse momento da vida. Ele se relaciona com mais de um gênero sem que isso seja uma questão, fala abertamente sobre seus relacionamentos anteriores e outros que aconteceram ao longo da trama. O que é um grande avanço se compararmos com as representações bissexuais anteriores nas novelas da Globo, que eram pautadas pela confusão e descobrimento da sexualidade.

No caso de Raulzito, temos cenas de bifobia e homofobia por parte de outros personagens. O que mostra a violência sofrida cotidianamente pelas pessoas bissexuais, de forma didática e sem apelar para cenas de violência extrema. Infelizmente, ainda não foi em *Todas as Flores* que um personagem bissexual disse com todas as letras sua sexualidade. Apenas outros personagens falaram que Raulzito era bissexual. Esse fato só foi acontecer recentemente, em 2023, na novela *Vai na Fé* (2023) com o personagem Yuri. Ao mesmo tempo, a construção do personagem não deixa dúvidas de que ele não é gay, nem hétero, sendo importante no avanço da representação de uma sexualidade que rompe os binários impostos.

A falta da palavra bissexual ainda nos faz questionar se o entendimento da audiência é de que esses personagens possam ser “apenas confusos”. A tendência da lógica monossexista e binarista é que a bissexualidade não seja lida como tal. Da mesma forma como quando veem um casal se relacionando em público, logo conclui-se que eles são heterossexuais ou homossexuais a partir dos seus gêneros, e a bissexualidade sequer é considerada como algo possível. No audiovisual, geralmente vemos cenas e, em apenas uma cena, parece quase impossível representar a bissexualidade imageticamente. Para Engelberg (2021), em uma cena de desejo, o modo dominante de

leitura da sexualidade prevalece: se é uma mulher e um homem se beijando, é heterossexualidade; se são duas mulheres ou dois homens, é homossexualidade. Uma das formas encontradas para se representar a bissexualidade de maneira inteligível, é mostrar o desejo por mais de um gênero de forma simultânea, ou seja, através de relacionamentos não-monogâmicos ou através de traição (ENGELBERG, 2021).

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANCIO, Talitta Oliveira. 42 anos de apagamento bissexual na teledramaturgia da Globo. In: MALULY, Luciano Victor Barros et al, **Anais do VII Encontro Regional Sudeste de História da Mídia** [recurso eletrônico]: reinventando as independências: conquistando novas democracias – São Paulo: ECA-USP, p. 413 - 417, 2023. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/sites/default/files/inline-files/Anais%20Alcar%20v2-1.pdf> Acesso em: 12 ago. 2023.

CHACEL, Marcela Costa da Cunha. **Audiência transmídia**: uma proposta de conceituação a partir das telenovelas da Rede Globo. 2016. 180f. Tese (Doutorado). Recife: Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

DE LAURETIS, Teresa. **Alice doesn't**: Feminism Semiotics, Cinema. Bloomington: Indiana University Press, 1984.

ENGELBERG, Jacob. “How Could any One Relationship Ever Possibly be Fulfilling?”: Bisexuality, Nonmonogamy, and the Visualization of Desire in the Cinema of Gregg Araki. **Journal of Bisexuality**, 2018.

ENGELBERG, Jacob. **Contra a 'boa' representação bissexual, em direção ao prazer cinematográfico bissexual**. 2020. Disponível em <https://ichi.pro/pt/contra-a-boa-representacao-bissexual-em-direcao-ao-prazer-cinematografico-bissexual-229214851030091> Acesso em: 13 jul 2023.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27882>. Acesso em: 13 abr. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. v. 22, nº 2. Porto Alegre: **Educação & Realidade**, jul./dez. 1997, p. 15- 46.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais, identidade, política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. COSTA, Marcela. JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto. CAVALCANTI, Gêsa Karla Maia. GOUVEIA, Diego Moreira. SANTOS, Talitta Oliveira Cancio dos. Dispositivo pedagógico da mídia e representações de gênero e sexualidade em She-ra and the Princesses of Power. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”**, v. 14, n.2, 2021

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Memória e Identidade na Telenovela Brasileira. **Anais do XXIII Compós**. 2014.

LOPES, M. I. V. de. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 26, p. 17-34, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469>. Acesso em: 13 jul. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições** [online]. 2008, vol.19, n.2, pp.17-23.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

MOGROVEJO, Norma. O queer, as mulheres e as lésbicas na academia em Abya Yala. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org). **Pensamento Feminista hoje**: sexualidades no sul global, Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2020, p. 33-57.

MONACO, Helena Motta. **“A gente existe!”**: ativismo e narrativas bissexuais em um coletivo monodissidente. Dissertação - UFSC, Florianópolis, 2020.

MOSCHKOVICH, Marília. Notas para um materialismo bi-alético. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v3, nº10, 2020.

MOSCHKOVICH, Marília. **Ebisteme**: bissexualidade como epistemologia. São Paulo: Linha a Linha, 2022.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais, identidade, política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos. Descolonizar a sexualidade: Teoria queer of Colour e trânsitos para o Sul. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018.

REA, Caterina. Crítica Queer racializada e deslocamentos para o Sul global. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org). **Pensamento Feminista hoje**: sexualidades no sul global, Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2020, p. 67-77.

ROSSI, Fernanda Santos. **Representação cultural e reconhecimento da bissexualidade**: uma análise de Minha Mãe É Uma Peça 2 e The Bisexual. Dissertação - PUC Minas, Belo Horizonte, 2020.